

por seu contacto e seus movimentos, ou por uma penetração intima nas camadas superficiaes da mucosa antes da sua transformação, irritam esta membrana e trazem-lhe modificações secretorias seguidas de dyspepsia intestinal e de catarrho; que se esta irritação dura muito tempo, a mucosa exposta a uma inflamação chronica, é destruida em largas superficies e que d'ahi provém a morte por falta de digestão e de absorção, quer a infecção verminosa tenha desaparecido por um espaço de tempo mais ou menos longo, quer ella exista ainda.

Mais tarde indicarei as relações entre a dysenteria e a diarrhéa da Cochinchina, mas o que já tenho por certo, e affirmo sobre um dado seguro é que a diarrhéa pode sobrevir e fazer sua evolução ao menos no sentido favoravel, sem que nada se manifeste que confundir-se possa com a dysenteria.

Insisto sobre isto porque observei em mim mesmo a diarrhéa, e alem disso me apoio sobre 30 casos de diarrhéa sobrevividos, e observados por mim no estado-maior e na equipagem da *Sarthe* em 1873, parallelamente com um ou dous casos muito manifestos de dysenteria, com dejeccões mucosanguinolentas, tenesmo e febre.

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

A FEBRE AMARELLA NO ESTADO DE TEXAS
POR GREENSVILLE DOWELL.

E' um livro precioso, e utilissimo aos medicos brazileiros, a obra do Dr. Greenville Dowell sobre febre amarella. A uma grande copia de factos de observação propria reúne o illustrado professor do Collegio Medico de Texas os relatorios de grande numero de medicos que assistiram ás principaes epidemias do estado de

Texas, que tem sido nos ultimos decennios um dos mais assolados pelo terrivel flagello da febre amarella.

A vasta experiencia que resulta das observações proprias do author, n'uma pratica de mais de dois mil casos na clinica hospitalar e domiciliaria, e a summa dos dados fornecidos pelos diversos relatores das numerosas e extensas epidemias estudadas n'esse paiz, que por mais de dois seculos tem passado pela prova quasi constante d'esta devastadora molestia,—offerecem uma boa colheita de factos, que importam as indicações mais proficuamente applicaveis para a prophylaxia e tratamento da febre amarella.

N'um excellente mappa geographico annexo á obra do Dr. Dowell vem designada a marcha da febre amarella pelo territorio dos Estados-Unidos, e determinadas todas as cidades e villas, que teem sido assoladas epidemicamente, e n'um quadro estatistico não menos importante, veem designados os estados, localidades, e suas situações, e elevações acima do nivel do mar, a epoca em que foram accommettidos, e a mortalidade que produziram as epidemias; abrangendo todos estes dados o periodo de 1668 até 1874.

Vê-se por essa estatistica, e pelo mappa annexo á obra, que a febre amarella já tem assaltado a União Americana 741 vezes, espalhando-se em 228 cidades e em 28 estados, e causando 65,311 mortes.

«D'uma analyse detida da historia d'estas epidemias em cada lugar e cada anno, diz o Dr. Dowell, conclue-se indubitavelmente que ella foi importada, pelo menos dezenove vezes em vinte; e está igualmente provado que foi introduzida da Africa para a America.»

Desde estas primeiras linhas o illustrado pratico toca os dois pontos capitaes da pathologia da febre amarella, —a origem e modo de propagação da molestia, pontos que envolvem a indicação de todas as medidas prophylaticas, e para cuja elucidação, portanto, não são demais

todas as provas que possa accumular a mais extensa e criteriosa experiencia.

A questão da origem e modo de propagação da febre amarella tem sido largamente debatida nos Estados Unidos. Desde a grande epidemia de 1797 o numero de medicos anti-contagionistas cresceu enormemente n'aquelle paiz, especialmente na Philadelphia. A natureza contagiosa e a origem exotica da febre amarella foram igualmente contestadas por Caldwell, Rush e muitos outros que tinham sido antes estrenuos defensores da doutrina da importação e do contagio.

Na celebre obra de La Roche, que abrange o estudo das epidemias de febre amarella desde 1699 até 1853, está ainda estampado o cunho d'estas ideias. A obra do Prof. Greensville Dowell é em relação á historia das epidemias n'esse paiz um complemento d'esta; estuda particularmente as do estado de Texas, mas abrange as estatisticas de todas as que teem apparecido na União Americana desde 1668 até 1874.

Por muito tempo continuou viva discussão sobre a questão essencial da transmissão da febre amarella, que parece hoje oficialmente decidida na sciencia; d'um lado os anti-contagionistas, apegando-se á accepção restricta do contagio directo não julgavam explicavel a propagação da molestia, senão pela influencia de causas meteorologicas e telluricas; d'outro, contagionistas extremados cahiam no erro que censura La Roche ás autoridades sanitarias de Philadelphia na epidemia de 1820: «imbuidas como estavam da opinião da importação estrangeira da molestia, e descrendo da possibilidade de ser ella devida a causas locaes ou influida por ellas, parece terem desviado sua attenção quasi exclusivamente para os meios de impedir a introdução da febre do exterior, e desprezado os urgentes e obvios deveres do aceio domestico.»

O Prof. Dowell segue um meio termo razoavel e de accordo com os factos. Em sua opinião a molestia se

transmitte pelas pessoas e pelos objectos, infeccionando a atmospheria em certa extensão. Não bastam as materias organicas em decomposição, nem o calor e a humidade só por si para produzirem a molestia; ha além de tudo isto uma causa especifica, sui generis, de natureza animal, que procrea de preferencia nas cidades desaceiadas, onde abundam as materias organicas animaes em putrefacção.

Boston, New-York, Philadelphia, Baltimore, que foram outr'ora assoladas pela febre amarella, ficaram isentas d'este flagello, desde que construíram seus esgotos, com ampla e acieada canalisação, abasteceram-se de boa agua, e melhoraram a hygiene em geral, pela execução das medidas sanitarias.

A interpretação, muitas vezes pouco exacta, dos factos que denunciam o modo de transmissão da molestia, foi a causa das mais vehementes contestações. Reduzindo a questão a uma distincção subtil de palavras, muitos anti-contagionistas restringiam a significação do termo contagio á transmissão pelo contacto directo, e assim o tornavam inaceitavel para designar essa propagação rapida e extensa que se observa na febre amarella.

No importante capitulo em que o Prof. Dowell refere as observações de sua vasta pratica, passando em revista as epidemias desde 1844, com as reflexões criteriosas que lhe suggerio a experiencia, consigna os factos de importação da febre amarella no estado de Texas, especialmente na grande epidemia de Galveston, de 1867, e nas de 1870 e 1873, e termina profligando d'este modo ás distincções subtis com que se pretendem resolver estas questões positivas:

«Tenho as melhores razões para dizer que a febre amarella é sustentada pelas materias animaes em decomposição, e que qualquer lugar inteiramente livre d'ellas nunca teria uma epidemia de febre amarella. Os detritos animaes sustentam os germens e animalculos, e estes

em contacto com o sangue produzem uma fermentação.»

«A molestia propaga-se promptamente por pessoas, mercadorias, carros e navios. O corpo exhala a materia ou germen, que se transporta e multiplica-se na pessoa e pela pessoa; chamem a isso infecção, contagio ou o que quizerem.»

No maior numero dos relatorios, que concorrem a illustrar a obra do Dr. Dowell, se encontram ainda as provas da origem exotica e natureze contagiosa da febre amarella.

«Uma molestia, diz o Dr. Welsh em seu bem elaborado relatorio sobre a epidemia de 1873, póde não ser contagiosa na accepção propria do termo, isto é, communicavel pelo contacto pessoal de um corpo humano a outro, como a variola e o sarampo, e d'ahi comtudo não se segue que o germen ou *materia morbi* não possa ser transportado d'um lugar a outro em navios, carros de bagagens, caixas de mercadorias, ou nas roupas, e d'ahi possa se propagar.»

«A observação mostra que o veneno da molestia é mais communicavel, e existe em mais concentrada actividade na parte das grandes cidades mais densamente habitada, e mais mal ventilada, onde a população está agglomerada em desaceio e miseria.»

No relatorio de Kilpatrick vê-se que na epidemia de Navasota em 1867 a molestia alli foi levada de Galaeston pelo capitão Donnelly.

O relatorio de Pope sobre a epidemia de Marshall em 1873 mostra como a febre amarella alli foi transportada de Shreveport; e o caso da infeliz familia Ford, que recolheu refugiados d'aquella cidade infeccionada é um exemplo bem frisante da transmissão da molestia.

O relatorio de Coleman sobre a epidemia de Calvert em 1873 tambem sustenta com profunda convicção que o germen da febre amarella, a *materia morbi*, é levada de um ponto a outro pelos homens e pelos objectos,—que a

febre amarella foi introduzida em Calvert por Hughes, um refugiado de Shreveport: «Está na lembrança de todos como a febre foi introduzida em Nova-Orleans no dia 4 de Julho, directamente de Havana, e foi d'alli levada a Shreveport, e d'ahi a Memphis e a Calvert. Nenhum raciocinio fóra dos factos poderá jamais convencer-me de que a febre amarella é indigena, nos Estados Unidos, ou que um caso jamais originou-se dentro de seus limites.»

«O germen que constitúe o veneno especifico da molestia é indubitavelmente um animalculo, uma existencia organizada, viva, que exige certa quantidade de calôr e humidade, e provavelmente na atmosphaera materia vegetal e animal para seu sustento, e quando é importada a uma localidade onde a atmosphaera contenha estes ingredientes necessarios, propaga-se e espalha-se quasi com a rapidez do pensamento.»

«Posto que transportavel, diz Matthet em seu esboço historico das epidemia de Texas, nunca se espalha se não acha provisão abundante de alimentos para sustentar seus germens.»

A historia das epidemias de febre amarella occorridas aqui no Brazil, e as observações de grande maioria dos medicos, que assistiram a estas epidemias confirmam em relação a este paiz a origem exotica da molestia e não podem, cremos, admittir duvida sobre sua natureza contagiosa. E certo, porém, que os factos demonstram que a febre amarella não é simplesmente contagiosa, é antes infecto—contagiosa;—cada individuo atacado constitue-se um novo fóco de infecção, e a propagação da molestia não depende sem duvida somente da causa especifica, determinante, mas tambem das condições da da atmosphaera, que é o meio de transporte do agente morbigeno para outros individuos, e ainda mais, da receptividade ou susceptibilidade especial d'estes, que por sua vez é relativa á quantidade do agente toxico introduzido no organismo. As condições meteorologicas e

telluricas, assim como as predisposições individuaes, não são ahi senão causas occasionaes da epidemia; a causa determinante é unica, é o agente especifico, zymotico.

N'uma atmospherá carregada de detritos organicos, especialmente animaes, o germen da molestia parece encontrar pasto a seu desenvolvimento, e n'essa grande copia de elementos se reproduz como por um processo de fermentação, infeccionado o ar da localidade accommettida.

Se não são empregadas as medidas sanitarias preventivas da importação do agente morbifico, não cremos que as condições meteorologicas e telluricas, nem a hygiene d'uma localidade, como pretende o Dr. Dowell n'aquelle trecho que citamos, possam offerecer uma garantia absoluta contra a invasão da epidemia. A força cumulativa do agente morbigeno, augmentada em cada caso de importação, póde acabar por vencer as immu- nidades locaes e individuaes.

E' certo que nas grandes epidemias da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco em 1849 e 1850 notou-se que a molestia foi transportada para pontos do interior das provincias, chegando a transmitir-se ahi em pequena extensão, sendo fatal em alguns casos; e se estes fócios depressa se extinguiram, julgamos que foi provavelmente, não tanto por ser ser máo o combustivel para alimentar o incendio, mas porque a chamma não era impellida por novo sopro.

E' certo que na epidemia do Rio de Janeiro em 1850 os habitantes fugiam para Tijuca, Petropolis, Friburgo, etc., para escaparem á epidemia, e muitos levaram a molestia para estes pontos; fallecendo, porém, sem a transmittirem, ou pelo menos sem a espalharem, como affirmam Lallemand, Pennel, e muitos medicos brasileiros.

Os factos observados nos Estados Unidos mostram porém que a febre amarella póde desenvolver-se epidemicamente em lugares centraes e levados, que até

certo tempo pareciam isentos. A propagação parece depender da facilidade de communicações para o interior do paiz, facilidade que traz consigo a intensidade cumulativa dos germens importados, diante da qual desaparecem finalmente, não só as immunidades relativas, locais e climatericas, como as immunidades individuais, tão pouco absolutas como as primeiras.

Nas estatisticas publicadas pelo Prof. Dowell vê-se que foram assaltados por epidemias de febre amarella Fort Smith no Arkansas a 460 pés acima do nivel do mar; Louisville a 450 pés, em 1873; Nittany na Pensylvania, a 450 pés, em 1799; La Grange na margem do Colorado, a 450 pés, em 1867; St. Louis no Missouri, a 475 pés, em 1856; e Winchester, no estado de Virginia, a 700 pés, em 1804.

Das influencias meteorologicas ha uma em que se conhece, até certo ponto, uma acção absoluta, é a temperatura.

«Os germens da febre amarella, diz o Prof. Dowell, não podem viver abaixo de uma temperatura de 32° F ou zero centigrado, nem acima de 212° F ou 100° C., de sorte que ninguem pôde contrahir a molestia quando a temperatura esteja no gráo de congelação, e por outro lado pode-se desinfecar um navio, matar todo o contagio, limpá-lo e saneal-o com fumigações n'uma temperatura de 212°.

Em muitos dos relatorios de que consta a obra do Prof. Dowell, poderíamos ainda por uma analyse minuciosa dos factos mostrar as provas da importação e do contagio da febre amarella, sem incorreremos n'aquella censura que indevidamente faz La Roche (pag. 264, vol. 2.º) aos contagionistas: «Nada embaraça um contagionista decidido, . . . tem sempre uma explicação prompta.»

Julgamos infundada esta censura porque, entre outros factos em que se apoia La Roche para fazel-a, en-

contramos o seguinte, que se refere ao Brazil, e que por isso aproveitamos a oportunidade para contestar.

Combatendo a doutrina do contagio e da importação da febre amarella, La Roche diz, em relação á epidemia de 1849 e 1850 no Brazil, o seguinte: «A febre amarella da Bahia, no Brazil, foi attribuida por muitos a um navio vindo de Baltimore, onde a febre não dominava n'essa estação! Por outros foi sem hesitação attribuida a um navio que tinha chegado do Canada! Outros, ainda, julgavam que veio n'um navio de Nova-Orleans, esquecendo que este navio tinha deixado os Estados- Unidos na estação do inverno. A febre do Rio de Janeiro começou em Fevereiro de 1850 a bordo d'um navio d'essa procedencia, e logo espalhou-se pelos outros navios e pela costa. Sem duvida este navio foi por presumpção considerado introductor da molestia, posto que partisse d'aqui no inverno, e não tivesse caso algum de molestia a bordo até a sua chegada ao Rio.»

Ha n'este trécho da obra do Sr. La Roche uma confusão de factos que convém rectificar.

Segundo o testemunho de clínicos notaveis d'aquella epocha e que acompanharam de perto a marcha da epidemia de 1849, a molestia foi importada por um navio americano vindo de Nova-Orleans, e irrompeo na parte da cidade, e em casa que frequentavam passageiros e tripolantes do mesmo navio.

M'William (On propagation of Yellow fever in Brazil, 1849, Med. Gaz. Vol. 47, pag. 866) e os Drs. Alexandre Paterson e John Paterson, então medicos residentes aqui na Bahia, encarregados do hospital britannico (Observations on the origin and nature of yellow fever as it appeared in Bahia, Brazil, 1849, 1850, Lond. Med. Gaz. Março, 1851) e nesta qualidade em contacto com os primeiros doentes de nacionalidade ingleza e americana, e portanto perfeitamente habilitados para acompanhar a invasão da epidemia desde os primeiros casos,

são accordes em sustentar a opinião, geralmente aceita da importação da molestia pelo brigue americano *Brazil*.

Segundo se lê n'um documento official, o relatório do Presidência da Provincia n'aquella epoca, este navio viéra de Nova-Orleans, chegára á Bahia em 30 de Setembro de 1849, e tivera a bordo doentes de febre amarella; o que confirmam as publicações dos medicos acima nomeados, e o testemunho do consul inglez, que M'William allega em sua descripção da propagação da febre amarella no Brazil.

A epidemia manifestou-se aqui em Outubro do mesmo anno, a principio nos navios ancorados no porto, e dentro em pouco estendeu-se pelo bairro maritimo ou cidade baixa, e depois por toda a cidade, com intensidade tal que em Janeiro de 1850, segundo documentos officiaes, tinha já atacado mais de 80,000 pessoas.

Da Bahia a molestia foi levada ao Rio de Janeiro por outro navio americano, a barca *Navarre*. D'ahi procede a confusão de La Roche; não foi o mesmo navio que transportou a molestia de Nova-Orleans para o Rio de Janeiro, como elle parece suppor; a importação foi primeiro á Bahia pelo brigue americano *Brazil* em 30 de Setembro, e da Bahia foi então levada ao Rio de Janeiro pela barca *Navarre* em 3 de Dezembro do mesmo anno.

Lallemant, insuspeito porque durante muitos annos sustentou a doutrina anti-contagionista (*Casp. Wochenschrift*, 1850) refere assim a invasão da febre amarella, a que assistio no Rio de Janeiro:

« Um navio americano *Navarre* sahio nos ultimos dias de Novembro da Bahia, entrou no Rio a 3 de Dezembro. Os marinheiros d'este navio moravam n'um quartirão immundo, e d'ahi procederam os primeiros doentes de febre amarella.»

Em sua « memoria historica das epidemias que tem reinado no Brazil » o illustrado Sr. Conselheiro Pereira Rego diz o seguinte: « Como quer que seja, é fóra de toda a duvida que os primeiros casos observados, ou antes

aquelles que precederam o desenvolvimento da epidemia, foram os de dez individuos, quatro vindos directamente da Bahia para aqui, e seis de pessoas que com elles communicaram, a saber, dous marinheiros da barca americana *Navarre*, chegada d'aquelle porto, que foram recolhidos ao hospital da Misericordia no dia 27 de Dezembro de 1849, quatro individuos que com elles moravam na taberna Frank, sita á rua da Misericordia, a mulher do mesmo Frank e seu caixeiro de nome Lenschau, um francez de nome Eugene Anceaux, chegado da Bahia havia 10 dias, e um marinheiro do vapor D. Pedro, vindo do mesmo lugar.»

M^rWilliam refere ainda a propagação da febre amarella pela costa do Brazil do modo seguinte (Canstatt's Jahresbericht, 1850, vol. 2^o pag. 286):

«Da Bahia (a 13^o de latitude sul) transmittio-se para o Norte, primeiro a Pernambuco (a 8^o de latitude Sul), saltando Maceió que só mais tarde foi infeccionado por um navio da Bahia. Em Março alcançou o Pará (a 1^o latitude Sul), saltando o Maranhão, Parahyba, Ceará; o Maranhão sustentou uma quarentena rigorosa, e os outros portos não tinham communicações com a Bahia, Pernambuco e Rio. Ao sul chegou ao Rio de Janeiro (23^o lat. Sul), antes que fosse infeccionado qualquer outro lugar entre a Bahia e o Rio, mostrando assim positivamente que sua propagação depende da frequencia de communicações com os lugares infectados, e não da proximidade da situação.»

Demoramo-nos um pouco em rectificar aquella ponto da obra do Sr. La Roche, porque julgamos de necessidade capital para a boa indicação das medidas preventivas do desenvolvimento da febre amarella entre nós, que fique bem elucidado que a molestia foi aqui importada em 1849, e que sua origem exotica e natureza contagiosa são demonstradas pela historia das epidemias do Brazil.

Podemos consignar como incontestaveis, e comproba-

torios da opinião que sustentamos, com a grande maioria dos medicos brasileiros, sobre a origem e natureza da febre amarella, os seguintes factos:

1.º A febre amarella foi importada ao Brazil em fim do seculo 17º, e desde essa epoca até 1840, isto é, durante mais de 150 annos, nem a mais ligeira epidemia de febre amarella appareceo no Brazil.

2.º Depois da epidemia de 1849 e 1850 reinou na Bahia esporadicamente em 51, 52, 53, e de 54 a 57 com character epidemico mais ou menos activo no ancoradouro, diminuiu em 58, recrudescio em 59 e 60, diminuiu em 61 e 62 e desapareceo completamente de 63 a 69.

3.º No Rio de Janeiro reinou com character epidemico em 1851, 52 e 53, esporadicamente em 54, epidemica de 57 a 61, desaparecendo então até 1868.

4.º O interregno da febre amarella de 61 a 68 no Rio de Janeiro terminou com uma nova importação da molestia pelo navio italiano *Creola del Plata*, vindo a 23 de Março de 1869 de Santiago onde grassava a molestia. O interregno na Bahia, de 1863 a 69 cessou com a importação pela corvêta italiana *Guiscardo* vinda do Rio de Janeiro (Vid. *Gazeta Medica da Bahia*, vol. 8º pag. 152.)

Não podemos comprehender que se a febre amarella fosse de origem local, como pretendem os anti-contagionistas; que se os germens, que nas epidemias se propagam com tanta rapidez, pudessem produzir-se aqui só por influencia das condições meteorologicas e telluricas em que vivemos, desaparecesse a molestia completamente, durante muitos annos, quando é sabido que estas condições geraes pouco variam entre nós, e que as condições hygienicas locaes são quasi immutaveis, porque são sempre pessimas.

Creemos, sem duvida, que a causa especifica, o germen da molestia, acha entre nós condições favoraveis para sua proliferação e propagação, mas estamos tambem convencidos pelos factos, que elle não se gera aqui espontaneamente, e que embora transplantado, chega a

extinguir-se no fim de alguns annos se novas importações não veem revigorar a semente.

N'estes pontos principaes temos o prazer de ver que a theoria que abraçamos sobre a origem e natureza da febre amarella, e que de accordo com a maioria dos medicos brazileiros, e com os mais notaveis clinicos nossos comprovincianos, temos sustentado mais de uma vez n'esta Gazeta, é plenamente cefirmada pelos factos e observações, tão copiosamente reunidos na obra do Prof. Greenville Dowell «the old veteran yellow fever physician» como o qualificou o Dr. Coleman; quando em seu relatorio agradece á Providencia, o terem elle e sua familia, atacados de febre amarella, cahido nas mãos de tão distincto medico.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA —

NOVO ACARIANO

Com esta epigraphie publicou o meu distincto collega e amigo, o Sr. Dr. Pedro S. de Magalhães, no *Progresso Medico* de 15 de Dezembro ultimo, um interessante artigo sobre um novo acaro por elle descoberto em Março do anno passado em urina clylosa, quando ainda se achava na Bahia, e sobre outros animalculos similhantes que encontrou, aqui e no Rio de Janeiro, em urina chylosa ou não, e até na propria agua potavel (da Carioca).

Com a materia d'este artigo occupa-se extensamente hoje nas paginas da *Gazeta Medica* o Sr. Dr. Silva Araujo; e eu nada teria que accrescentar ás suas reflexões, e aos factos para os quaes invoca o nosso distincto collaborador o meu testemunho, se o illustrado collega auctor d'aquelle artigo me não consagrasse uma nota que exige de minha parte algumas explicações.